REFLEXÃO

ACORDOS

LUIZ CARLOS CORRÊA CARVALHO
Presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)

Fiz um acordo de coexistência com o tempo:
Nem ele me persegue, nem eu fujo dele, e
um dia a gente se encontra

Mário Lago

O BRASIL tem enorme preferência por acordos internacionais na América Latina. Correu do acordo da ALCA (Área de Livre Comércio das Américas) e, com os EUA, só tem um acordo, datado de 1935; segue firmemente travado no MERCOSUL (Mercado Comum do Sul), na esteira de um claro foco de política ideológica. Aliás, no embate entre os países do MERCOSUL, corre, há tempos, um possível acordo com a União Europeia, mas, até agora, nada...

O mundo globalizado exige posições. O tempo vai correndo, e as coisas vão acontecendo em grandes saltos. Os EUA, o Japão e mais dez países fecharam a Parceria Transpacífica, considerada o maior acordo comercial regional da história. A sombra da China fez acelerar as ações dos EUA junto aos países asiáticos, um monumental mercado. O Brasil? Ficou fora!

Enquanto alguns ainda festejam, há outro acordo correndo célere entre os EUA e a Europa, tratando de uma série de temas relacionados a comércio e investimentos, como modernização de regras comerciais e melhora na compatibilidade entre os regimes regulatórios. Isso poderá isolar de vez o Brasil. Um acordo EUA/Europa tem a ver com a metade do PIB mundial e 40% do comércio mundial. Este acordo pode gerar normativos próprios que podem até vir a ser seguidos pela OMC, pela FAO e por outros. Como ficará nisso o Brasil, sétima economia do Planeta?

Em recente pronunciamento, a presidenta disse que "o Governo vai fazer do comércio exterior elemento central da agenda da competitividade".

Mas, vamos combinar: qualquer país teria interesse em um acordo com o Brasil no campo do agronegócio! Se não há, é porque o Brasil não se define... E o tempo faz estragos quando a emoção e a razão não entram em acordo. Afinal, o tempo não espera nem está de acordo com faltas de disciplina...

O grande negócio do Brasil é o agronegócio, nas palavras de todos. No entanto, o agronegócio é dependente total do tempo, sendo este o condutor das ações para a produção, a colheita, o processamento e o comércio. O Brasil foi convidado a ser o maior, dentre todos os países, na expansão da oferta de alimentos neste século XXI. Mas, precisa, além de produzir mais e de forma sustentável, fazer logística, fazer acordos internacionais, fazer tudo aquilo que o agronegócio, seu melhor negócio, pode fazer, mas não faz!

Sempre vale lembrar um provérbio que vem de um país (China) que faz parte do acordo – sem acordo – dos BRICs: "há três coisas na vida que nunca voltam atrás: a flecha lançada, a palavra pronunciada e a oportunidade perdida.". Mas, em algum momento, cansamos de bater na porta de quem não abre.

A pergunta do agronegócio é clara: quem fará o trabalho para o Brasil efetivar o seu real papel geopolítico no mundo – produzir e exportar *commodities* e produtos de origem agropecuária de maior valor agregado?

Não há tempo para interesses. O Brasil é bem maior do que isso. Como vamos conduzir os nossos interesses nos acordos internacionais que estão passando na frente dos nossos olhos, se o foco é simplesmente uma guerra política?

Não dá para esconder: o tempo nos encontrou! ■

